

O ESPORTE E A ESCOLA: UMA REVISÃO SOBRE AS POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

SPORT AND SCHOOL: A REVIEW ON PEDAGOGICAL IMPLEMENTATION POSSIBILITIES
EL DEPORTE Y LA ESCUELA: UNA REVISIÓN SOBRE LAS POSIBILIDADES DE IMPLEMENTACIÓN PEDAGÓGICA

Géssica Adriana de Carvalho Lúcio

gessicalucio@hotmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

José Tarcísio Grunennvaldt

jotagrun@hotmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

Viviani Darolt Rabelo

vidaroltrabelo@gmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

Evando Carlos Moreira

ecmmoreira@uol.com.br

Universidade Federal de Mato Grosso

Verônica Ramos de Assis

veroniamt@hotmail.com

Universidade Federal de Mato Grosso

RESUMO

Objetivou-se refletir sobre o esporte desde a sua introdução e visibilidade, atribuídas por Azevedo em 1916, seus usos e discussões na escola como conteúdo das aulas de Educação Física. Apresentamos uma análise sobre: esporte e as críticas inaugurais; Educação Física e esporte na escola; Educação Física e esporte: abordagens críticas. Os professores de Educação Física devem transformar o esporte em objeto de ensino, mesmo sendo conteúdo dominante das aulas. Deve ser discutido conscientemente, orientado por um projeto pedagógico articulado aos saberes escolares. A Educação Física enquanto fator essencial à educação deve assumir o seu papel como parte integrante da educação.

Palavras-Chave: Esporte. Escola. Educação Física.

ABSTRACT

The objective was to reflect on the sport since its introduction and visibility, attributed by Azevedo in 1916, its uses and discussions in the school as content of the Physical Education classes. We present an analysis on: sport and the opening critics; Physical education and sports at school; Physical education and sport: critical approaches. Physical Education teachers should transform the sport into an object of teaching, even if it is the dominant content of the classes. It should be consciously discussed, guided by a pedagogical project articulated to the school knowledge. Physical Education as an essential factor in education must assume its role as an integral part of education.

Keywords: Sport. School. Physical Education.

RESUMEN

Se objetivó reflexionar sobre el deporte desde su introducción y visibilidad, atribuidas por Azevedo en 1916, sus usos y discusiones en la escuela como contenido de las clases de Educación Física. Presentamos un análisis sobre: deporte y las críticas inaugurales; Educación Física y deporte en la escuela; Educación Física y deporte: enfoques críticos. Los profesores de Educación Física deben transformar el deporte en objeto de enseñanza, aun siendo contenido dominante de las clases. Debe ser discutido conscientemente, orientado por un proyecto pedagógico articulado a los saberes escolares. La Educación Física como factor esencial a la educación debe asumir su papel como parte integrante de la educación.

Palabras Clave: Deporte. Escuela. Educación Física.

Introdução

E aqui tocamos num ponto essencial que é maior integração da educação física no plano geral da educação. Quero dizer com isso que a educação física é, antes de tudo e essencialmente, educação, e como parte desta, se liga a uma teoria geral da educação; que qualquer programa “pedagogicamente aceitável” pelos seus fundamentos psicológicos e sociais, tem de desenvolver-se “em relação orgânica com a educação como um todo e, portanto, com as outras matérias e seções nele representada”. (AZEVEDO, 1960, p.17)

O presente ensaio surgiu tendo em vista algumas críticas encontradas na literatura sobre como diversos autores reagiram, por volta de década de 1960 e seguintes, sobre o uso quase que exclusivo de uma concepção de esporte [convencional] nas aulas de Educação Física escolar.

Tomou-se como referência e provocação inicial o texto: *Da Educação Física: o que ela é, o que tem sido e o que deveria ser...* escrito por Fernando de Azevedo, em 1916, no entanto, tomou-se para este artigo o prefácio da obra: *Um problema e duas épocas: confronto de idéias e de situações*, datado de 1960, também de Fernando de Azevedo.

Não menos contundente e sagaz quanto à utilização do esporte, e sobre o privilegiamento de concepções generalizantes e universalistas, foi Rene Maheu em 1972, quando em seu discurso no Congresso Científico da Abertura dos XX Jogos Olímpicos, realizados em Munique, enfatizou que se deve ampliar o universo das práticas que configuram a cultura corporal e não reduzir a uma ou outra concepção.

No Brasil, a problemática da Educação Física e Esportes foi abordada por Elenor Kunz em seu texto *Esporte enquanto fator determinante da Educação Física* em 1989, naquela ocasião propôs dar continuidade aos estudos realizados na década de 1980, que pretendiam aproximar a Educação Física das Ciências da Educação.

Assim, o presente trabalho tem por finalidade refletir sobre o esporte desde a sua introdução e visibilidade, atribuídas por Azevedo em 1916, até os dias de hoje, bem como ele tem sido utilizado e discutido na escola como conteúdo das aulas de Educação Física.

O caminho metodológico

As discussões e críticas sobre o esporte são aspectos que podemos localizar em diferentes épocas. Movidos pelas provocações de Azevedo (1960) procuramos apresentar neste ensaio, evidências, com

dados de alguns autores, nacionais e internacionais, que procuram responder, confirmando a tese de Azevedo (1960, p. 17) que:

[...] essa demissão do papel que cabe às escolas e elas são chamadas a exercer, é tanto mais condenável quanto é certo que a população escolar somente a uma fração mínima servem as entidades privadas (clubes e associações), ficando a quase totalidade ao abandono, entregues à sua própria sorte, sem os benefícios de uma educação, de que faça parte integrante a educação física obrigatória para todos..

Tendo em vista que na medida em que fomos adentrando na leitura do texto de Azevedo, este provocou a nossa curiosidade epistemológica, no sentido de identificar o que os autores disseram, escreveram e, em caso de terem se posicionado, como foi esse posicionamento em relação à demissão do papel das escolas quanto ao trato do esporte nessas instituições?

Sabedores ou não da crítica de Azevedo que acima deixamos evidenciada na grafia em destaque, tivemos nos autores que nos subsidiaram para a revisão do tema uma bela surpresa, qual seja: os autores destacados e consultados para nossa revisão desde a década de 1970, 1980 e seguintes contribuíram para inaugurar e estabelecer um panorama crítico, à crítica de Azevedo em 1960. Portanto, se ignorada, desapercibida ou não lida, a denúncia de Azevedo recebe uma crítica, crítica de que à escola se ausentou de fazer o seu papel de instituição educativa e que lhe cabe a função da "utilização do conhecimento público, da experiência e da reflexão da comunidade social ao longo da história um instrumento que quebra ou pode quebrar o processo reprodutor". (GÓMEZ, 1998, p. 22)

Assim, no processo de construção da lógica e da escrita do ensaio, apresentamos elementos das críticas dos autores, quer quando seus argumentos apontam para adoção de critérios que privilegiavam a escolha das práticas corporais na Educação Física, ora quando lamentando a adesão aos valores da cultura universal ou, quando no trato dos conteúdos na escola, esse não tenha passado por "filtragem", "transposição didática", "transformação didático-pedagógica", ou ainda como afirmam alguns "dar forma escolar ao esporte".

O esporte e as críticas inaugurais

Fernando Azevedo: pela opção do esporte com amplas finalidades educativas

Em 1920, quando começaram a se intensificar os movimentos em prol da Educação Física e do esporte no Brasil, o principal foco de irradiação foi São Paulo, e logo após, esse fenômeno se expandiu pelos outros pontos do país.

Com a 1ª Guerra Mundial 1914-1918, ocorreu o grande surto industrial, visto que com a redução da importação de mercadorias estrangeiras, percebe-se a necessidade de mudanças por parte da população, criando um estado de inquietação e efervescência intelectual que veio a repercutir nas artes, nas letras, na educação e a invasão do país pelos esportes anglo-saxônicos. Esse movimento que se inaugurava era também de renovação educacional.

Em poucos anos educadores e escritores começaram a apresentar o esporte, uns enaltecendo suas qualidades positivas, outros por sua vez a se preocupar com o desenvolvimento do esporte em suas possíveis consequências e aspectos negativos.

Azevedo (1960) ao reexaminar e confrontar a Educação Física de 1920 à de 1960 observou um processo assinalado por conquistas e progressos na matéria. Os esportes se difundiram por toda a parte, com isso se desenvolveram e aperfeiçoaram as técnicas na prática desses exercícios e competições. Multiplicaram-se, associações, construíram grandes estádios, páginas de jornais destinaram maior lugar aos esportes, os governos passaram a investir mais no esporte, não se limitando à difusão deste a associações atléticas, como também fazer uso ideológico de sua força em ascendente popularidade.

Diante da aparente sensação de euforia generalizada, Azevedo (1960) questiona o processo de difusão do esporte no país:

Mas mesmo sendo tão evidente esses progressos em vários setores, tudo quase ainda está por fazer, quanto à organização e a prática sistêmica da educação física nas escolas de todos os graus a que faltam, em geral, professores especializados, pátios de ginástica e jogos, instalações necessárias ao controle biotipológico dos alunos, das atividades físicas e de seus resultados (AZEVEDO, 1960, p.14).

A afirmação anterior é quase que um lamento do autor, porque o movimento em defesa e difusão do

esporte se propagou no país fora da escola, mas por iniciativa de clubes e associações esportivas.

Para Azevedo (1960), o que importava, é que se incentivasse o movimento para dentro da escola. A ausência das escolas na expansão do esporte em geral está no fato de que nos sistemas de educação pública, as outras esferas da educação se apresentavam e ainda se apresentam mais adiantadas do que a Educação Física, pressupomos pela deficiência das instituições educacionais, as associações esportivas e atléticas se transformaram em centros de convergência e irradiação das atividades físicas e recreativas.

Azevedo (1960) afirma que a Educação Física é essencial à educação, e deve ser integrada ao plano geral de educação, e como parte deste através de seus fundamentos psicológicos e sociais, tem de se desenvolver em relação orgânica, à educação como um todo. A Educação Física além de seus fins próprios deve visar fins gerais, mentais, morais e sociais, formação da personalidade e do caráter, disciplina, sentido de cooperação, o espírito esportivo, lealdade, elegância de atitudes, ação de saber ganhar, como saber perder, modéstia na vitória e aceitação com bom humor da derrota nas competições.

Rene Maheu: uma crítica de vanguarda sobre o esporte e a favor da diversidade cultural

Outro momento emblemático de crítica às concepções universalistas e hegemônicas à adesão ao esporte foi desencadeado por Rene Maheu, em 1972, em seu discurso no Congresso Científico da Abertura dos XX Jogos Olímpicos, realizados em Munique. Naquela ocasião, fez uma crítica sobre a relação esporte e educação, ao citar as virtudes educativas do desporto, propondo a todos a interrogação sobre as razões que fazem com que essas tais virtudes não sejam exploradas como deveriam e poderiam ser, e a procurar quais as principais modificações, tanto na educação como no desporto, que seriam convenientes introduzir nas concepções e práticas para que este ocupe o lugar que lhe compete na formação completa do homem.

Maheu (1982) defende a necessidade em haver uma integração, profunda, ativa e eficaz do desporto na educação, também no plano das instituições e dos costumes.

O desporto se desenvolveu, exceto nos países anglo-saxônicos, principalmente, fora da escola e da universidade, sua organização se estabeleceu fora do sistema educativo, se deu em outro sistema. De modo que o desporto se tornou um dos subprodutos da expansão do tempo livre originados pela mecanização, se distanciando da finalidade dele próprio, que é a função de formação ou de preparação

para vida, de cultura ou realização, vocação educativa (MAHEU, 1982).

Na mesma década, outro autor dispara um grito de alerta! Com efeito, para Belbenoit (1974) era necessário integrar o desporto à escola em todos os níveis, de modo a preparar o desenvolvimento do desporto para todos no quadro de uma política de saúde a todos, de cultura para todos e de uma renovação para vida democrática. A escola deveria ensinar o desporto tal como a profissão, mas tal como a profissão não o deveria fazer sozinha. A formação desportiva deveria ser conduzida em ligação com agentes educativos, exteriores à escola, nesse contexto o autor ainda afirma:

A minha convicção é que introduzir o desporto na educação tem um sentido, implica uma certa ideia dessa educação, uma intenção educativa. Mas também que introduzir o desporto na educação não serve para nada se não reformar ao mesmo tempo a instituição educativa, de tal modo que o desporto encontre nela o seu sentido (BELBENOIT, 1982, p. 127).

O autor também ressaltava que o desporto ainda não teria encontrado na escola o seu verdadeiro lugar, e que a integração total do desporto no sistema educativo implicava em vários problemas de atitudes e métodos. Com efeito, a escola não consiste só em formar espíritos, consiste em colocar homens em condições de enfrentar a vida em toda sua complexidade e de humanizar-se em todos os domínios.

Educação Física e Esporte na Escola

É preciso, pois, insistir sobre a amplitude da ação da educação física que não se limita à que exerce sobre o corpo humano, pelo seu adestramento sistemático, mas se estende, quando bem orientada segundo planos racionais, à inteligência, à formação da personalidade, à criação de hábitos morais e sociais, indispensáveis à vida em comum numa sociedade organizada conforme estes ou aqueles modelos (AZEVEDO 1960, p.19).

Por certo, o fato de a Educação Física ter se desenvolvido associada ao desporto, reforça o conflito de identidade da Educação Física nas escolas. Sobre tal simbiose, ou melhor, o desporto ter subsumido à Educação Física, é que vamos discorrer a seguir.

Para Seurin (1982) o problema da relação Educação Física e desporto não é novo, vem sendo discutido antes de 1900, no plano mundial levando em consideração a influência social do desporto e sua evolução para o desporto espetáculo, muitas vezes passa a se duvidar dos valores educativos do desporto, a cooperação e a integração deste no sistema geral da educação é indispensável para o bem de ambos. Essa integração deve ser resultado da luta difícil, mas apaixonante, que devem empreender os

educadores e os responsáveis sociais, conscientes do perigo que apresenta a evolução atual.

De acordo com Parlebas (1996) o esporte é considerado ao mesmo tempo um fator de saúde e um elemento educativo de grande valor, e está, habitualmente associado a um grande ideal moral de desinteresse de progresso e de fraternidade, devendo-se lhe atribuir um papel preponderante no sistema educativo no campo da Educação Física e no mundo do lazer em geral. Contudo, para o autor esse discurso pode ser falacioso e perigoso, caso ele não passe pelas transformações necessárias ao ser tratado como conteúdo da instituição escolar.

Quanto à compreensão do esporte e sua tematização na escola, Parlebas (1996, apud TAFFAREL, 2009, p 86), chama atenção ao caráter dialético do esporte: “O desporto não possui nenhuma virtude mágica. Ele não é em si mesmo nem socializante nem antissocializante. É aquilo se fizer dele”.

Parlebas (1996, p.3) ressalta que:

[...] a natureza profunda do esporte sua lógica interna é uma lógica de espetáculo. O esporte não tem nenhuma ligação constitutiva com a infância e o esporte não tem por base nenhuma moral, nenhuma ética específica. Responde a uma produção social exaltada por nossa sociedade e que possui os traços de todo fator social de envergadura.

Porém, enfatiza que o esporte merece todo o seu espaço, nada mais que seu espaço, ao lado de muitas outras atividades, atividades livres, e que nos resta fazer uma reflexão mais exigente e realista do que a do passado. O esporte não é uma atividade natural, como se afirma, mas uma prática cultural, criada pela sociedade britânica capitalista no século XIX.

Kunz (1989), ao abordar a problemática da Educação Física e Esportes no Brasil, ressalta que a hegemonia esportiva encontrada na Educação Física escolar foi alcançada num processo gradativo, a partir de sua incorporação no contexto escolar, em meados da década de 1940 e fomentada a partir dos anos 1960, sendo intensificada na década de 1970. Contudo, o autor salienta que o esporte poderá servir de veículo para uma leitura e compreensão da realidade e desenvolver por intermédio dele, uma ação socioeducativa que possa torná-lo atrativo a todos.

Mas para que isso ocorra é necessário que o esporte passe por uma transformação didática. O esporte no contexto escolar de hoje necessita, pressupomos, muito mais de reflexão/compreensão da ação prática, para possíveis interpretações e novas realizações.

Segundo Cagigal (1981 apud COSTA, 1987, p. 55) a imagem do esporte, de que seja ou deva ser, está encampada pelo grande esporte competitivo, quando se fala de esportes, em seguida se pensa em

campeões e recordes. Esta imagem predominante e reiteradamente inculcada pelos meios de difusão, se apodera do menino(a) que simplesmente faz esporte em seu bairro ou na escola, sem que saiba que possa haver algum significado possível de ser atribuído a uma ou a outra prática.

Costa (1987) afirma que a escola como instituição parece não ter absorvido a Educação Física e o esporte em seus objetivos de formação de um homem livre que se conhece, se experimenta, se vence, respeita o outro, se mantém consciente de seus deveres e responsabilidades. A escola parece estar se prestando ao desenvolvimento de uma ideologia de reprodução e acrítica, se identificando mais com uma instituição desportiva: valorizando a competição, o desempenho máximo, a vitória a qualquer preço.

A Educação Física como parte da educação deve se propor a fazer uma leitura crítica de sua eficácia na escola, sob a perspectiva de transformação, utilizando em suas práticas um esporte cujas regras, materiais e locais sejam adaptados às habilidades, capacidades e possibilidades dos alunos, um esporte onde predomine o caráter lúdico, a espontaneidade e poder de iniciativa (COSTA, 1987).

Para Gomes (1992) o desporto e sua essência, a competição, podem construir-se como meio de ensino e valores sociais e morais, a atividade de competição não comporta nenhum ato pecaminoso, significa para criança assim como para o educador: autoavaliação e afirmação, momento de alegria e de encontro com os iguais, festa, cooperação, solidariedade, disciplina, esforço, respeito pelo outro e pelas regras, desenvolvimento individual e social.

Mas para que isso ocorra, se faz necessário que os professores atuantes neste contexto, saibam lidar com as situações decorrentes dessa prática e que utilizem o desporto como objeto e meio de educação.

A autora ainda enfatiza que:

A educação física, nestas idades e fases de escolaridade, apresenta como objetivos, entre outros, o desenvolvimento fundamental da criança através dos estímulos oriundos da exercitação e da atividade física, o aperfeiçoamento das condutas básicas do comportamento motor, ou seja, habilidades fundamentais gerais (correr, saltar, lançar, agarrar,...), o desenvolvimento das habilidades fundamentais específicas... (GOMES, 1992, p. 513).

Azevedo (1960, p. 19), no prefácio de sua obra, ao abordar o tema formação de professores de Educação Física e técnicos, nas várias especialidades do campo da educação e em diferentes aspectos, afirma que ainda está longe de se encontrar soluções adequadas, o que reclamava na época era por:

[...] professores especializados, certamente senhores dos fundamentos, dos métodos e das técnicas modernas de educação física, mas que conhecessem por igual os princípios e as técnicas gerais de educação. Nesse domínio como em qualquer outro, sempre me pareceu indispensável ao professor, seja qual for o campo especial de suas atividades, uma visão em conjunto da obra educacional de que participa. A consciência do quanto importa a visão panorâmica, a preparação do professor de educação física, ainda não se difundiu bastante entre nós, como ainda não penetrou na esfera da educação.

Pressupomos que essa seja uma das críticas iniciais à atuação do profissional de Educação Física. Reportando para os dias de hoje, podemos observar que os profissionais dessa área já encontram várias abordagens críticas quanto ao uso do esporte na escola, sob diferentes perspectivas, resta investigar seu interesse em conhecer essas abordagens.

Educação Física e o Esporte: abordagens críticas

A crítica ao uso irrestrito da lógica do esporte convencional pela escola, que vem sendo desferida pela Educação Física brasileira não é recente. Kunz (2004) relata que na década de 1980 se iniciou no Brasil um período de crítica sobre a hegemonia e o modelo de esporte praticado nas escolas. Uma das críticas era fundamentada em modelos teóricos de tendência marxista, que viam no esporte uma sequência do processo de alienação e reificação do homem, especialmente com a classe trabalhadora, na relação com o poder econômico de uma elite.

Independente dessa crítica, surge outro modelo de análise, que se direciona ao processo de aprendizagem dos esportes no âmbito escolar, que questiona a precocidade do ensino de modalidades esportivas para crianças em séries iniciais.

As abordagens críticas surgiram em oposição ao modelo mecanicista da Educação Física escolar, na tentativa de romper a hegemonia do esporte e da aptidão física, utilizando a tendência marxista. Essas abordagens, também chamadas de progressistas, começam a discutir o *modus operandi* alienante da Educação Física na escola. Numa perspectiva crítica, a Educação Física “estaria atrelada às transformações sociais, econômicas e políticas, tendo em vista a superação das desigualdades sociais” (DARIDO, 2008, p. 15).

Para Bracht (1997) o esporte na escola é um braço prolongado da instituição esportiva, os códigos da instituição esportiva são: princípios de rendimento atlético-desportivo, competição, comparação de

rendimentos e recordes, regulamentação rígida, sucesso esportivo e sinônimo de vitória, racionalização dos meios e técnicas.

O autor ainda ressalta que o desenvolvimento da instituição esportiva está condicionado mutuamente à Educação Física e, a esta muitas vezes, colocada a tarefa de fornecer base para o esporte de rendimento, a escola tem se tornado a base da pirâmide esportiva, onde o talento esportivo tem sido descoberto. Como prática cultural, o esporte incorpora valores sociais, culturais, econômicos e estéticos de uma dada sociedade, historicamente organizada, sendo realizado em diferentes espaços sociais e, culturalmente apropriado de múltiplas formas, inclusive as não autorizadas. A escola é um desses espaços de realização e de apropriação da prática cultural de esporte.

De acordo com Bracht (1997, p. 65), a tarefa dos professores de Educação Física é:

[...] desenvolver uma pedagogia desportiva que possibilite aos indivíduos pertencentes à classe dominada, aos oprimidos, o acesso a uma cultura esportiva desmistificada. Permitir ou possibilitar através desta pedagogia que estes indivíduos possam analisar criticamente o fenômeno esportivo, situá-lo e relacioná-lo com todo o contexto sócio- econômico- político e cultural..

A Educação Física deve realizar uma "filtragem crítica" das atividades corporais, ao ensiná-las na escola, o que seria fundamental para o desenvolvimento de sua identidade pedagógica (BRACHT, 1997).

Com esta mesma preocupação, Kunz (2004, p. 125) se refere a uma "transformação didática do esporte" a ser realizada pela escola, e resume as críticas ao esporte na forma em que ocorre tradicionalmente na escola no seguinte:

- 1) O esporte é conhecido na sua prática hegemônica, nas competições esportivas, nos meios de comunicação (televisão), não apresenta elementos de formação geral - nem mesmo para saúde física, mais preconizada para essa prática – para se constituir uma realidade educacional;
- 2) O esporte ensinado nas escolas enquanto cópia refletida do esporte de competição ou de rendimento, só pode fomentar vivências de sucesso para uma minoria e o fracasso, ou vivências de insucesso para uma maioria;
- 3) Esse fomento de vivências de insucesso ou fracasso para crianças e jovens em um contexto escolar é no mínimo uma irresponsabilidade pedagógica por parte de um profissional formado para ser professor;

4) O esporte de rendimento segue o princípio básico da “sobrepunção” e das “comparações objetivas”, os quais permanecem inalterados mesmo para o esporte praticado na escola, onde por falta de condições ideais o rendimento não se constitui no objetivo maior da aula. Este é um dos motivos que contribui para que o ensino dos esportes, também, venha a influenciar a crescente “perda de liberdade” e “perda de sensibilidade” do ser humano, pelo “racionalismo” técnico instrumental, nas sociedades modernas.

Kunz (2004) afirma que o esporte desenvolvido com a finalidade de alto rendimento apresenta uma série de problemas, entre eles: processos de seleção, especialização, instrumentalização, normatização e padronização, impedindo muitas vezes outras possibilidades de movimento. O esporte precisa passar por uma transformação didático pedagógica para servir de elemento pedagógico, assim proporcionará ao aluno vivências e bons sentimentos, de maneira que eles se sintam aceitos e não rejeitados.

Para Hildebrandt e Laging (1986, p. 5), na obra *Concepções Abertas no ensino da educação física*, o ensino do esporte tem uma relevância especial na escola dentro da Educação Física. Nesse sentido, afirmam que:

O ensino da educação física deve capacitar os alunos a tratar de tal modo os conteúdos esportivos nas mais diversas condições dentro e fora da escola, que estejam em condições de criar, no presente ou no futuro, sozinhos ou em conjunto situações esportivas de modo crítico, determinados autonomamente ou em conjunto. O aluno deve se tornar aberto dentro da realidade esportiva.

Espera-se do professor, como agente de ensino, que reavalie seu conceito de ensino para chegar a uma ideia de ensino aberto, onde este se oriente para os alunos e não para o conteúdo ou professor. O aluno deve ser visto como sujeito de ensino, pois ocupa a posição central desse processo.

O ensino da Educação Física ou esporte não deve ser compreendido apenas como situações de ensino-treino-aplicação, mas uma organização apoiada sobre a educação e formação que proporcionem situações pedagógicas em que o aluno deva aprender a dirigir suas próprias ações, questionar regras do esporte e de seu âmbito de transmissão aprender a agir autonomamente, a decidir em conjunto ou sozinho, aprender a agir comunicativa, cooperativa e criativamente (HILDEBRANDT; LAGING, 1989).

A proposta de Soares e colaboradores (1992) apresentada no livro *Metodologia do ensino da Educação Física* propõe uma concepção crítico-superadora às manifestações hegemônicas dentro da

cultura corporal, que são tomadas como conteúdos da Educação Física escolar, onde o esporte figura como um dos seus temas, talvez o mais rico de significados sociais, que possibilita o trato pedagógico.

Segundo Soares e colaboradores (1992, p. 70):

O esporte como prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e pratica. Por isso deve ser analisado nos seus variados aspectos, para determinar a forma em que deve ser abordado pedagogicamente no sentido de esporte da escola e não como esporte na escola..

Ressalta ainda, que se aceitarmos o esporte como fenômeno social, tema da cultura corporal, precisamos questionar suas normas, condições de adaptações à realidade social e cultural da comunidade que o pratica, cria e recria. Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual; o esporte dentro da escola deve possibilitar a compreensão de que a prática esportiva deve ter o significado de valores e normas que assegurem o direito a prática do esporte, permitindo aos alunos um conhecimento onde possam criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-cultural.

Considerações Finais

O esporte é uma realidade que foi socialmente construída no decurso da história, em cada época ele corresponde às características sociais, refletindo as normas e regras dominantes da sociedade.

Nesse ensaio, concluímos ser fundamental que na escola os professores de Educação Física transformem o esporte em objeto de ensino, mesmo sendo o esporte o conteúdo dominante na área de Educação Física. Como atividade escolar, este precisa ser mais discutido e teoricamente aprofundado, a partir de ações conscientes, orientadas por um projeto político pedagógico articulado com o conjunto de saberes no interior da escola.

Não se deve negar o esporte, nem propor seu desaparecimento como conteúdo das aulas de Educação Física, ao contrário se pretendemos modificá-lo é necessário, tratá-lo pedagogicamente (BRACHT, 2009) ou ainda, conhecê-lo, experimentá-lo e transformá-lo (COSTA; KUNZ, 2013).

A Educação Física como parte da educação deve se propor a fazer uma leitura crítica da eficácia do esporte na escola, sob a perspectiva de integração, significações sociais e transformação.

Retomando a crítica inicial de Azevedo (1960, p. 18) podemos concluir que:

É o que nos tem faltado não só uma filosofia e uma política de educação em que se traduzam ideais de vida e se estabeleçam os princípios e as bases para a reconstrução educacional, como também a consciência dessa íntima correlação entre as atividades físicas, atividades morais e mentais.

A Educação Física enquanto fator essencial à educação como afirmou Azevedo (1960), deve assumir o seu papel como parte integrante da educação, por meio de um programa pedagógico, onde o esporte seja um dos seus elementos, ou seja, é necessário insistir sobre as plenitudes de ação da Educação Física em todos os níveis de ensino.

Referências

- AZEVEDO, Fernando. **Da educação física: o que ela é, o que ela tem sido e o que deveria ser**. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1960.
- BELBENOIT, Georges. **O desporto na escola**. 2. ed. Santos, SP: Editorial Estampa, 1974.
- DARIDO, Suraya Cristina. **Educação física escolar: questões e reflexões**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
- SOARES, Carmen Lúcia e colaboradores. **Metodologia do ensino de educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- GOMES, P. B. Educação física ou desporto na escola primária?. In: BENTO, Jorge Olímpio; MARQUES, A. (Org). **A ciência do desporto, a cultura e o homem**. 1992.
- BRACHT, Valter. **Educação física e aprendizagem social**. 2. ed. Porto Alegre, RS: Magister, 1997.
- _____. **Esporte de rendimento na escola**. In: STTIGGER, Marco Paulo; LOVISOLO, Hugo. (Orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- COSTA, Vera Lúcia Menezes. **Prática da educação física no 1º grau: modelo de reprodução ou perspectiva de transformação?** 2. ed. São Paulo: Ibrasa, 1987.
- COSTA, Andrize Ramirez; KUNZ, Elenor. Esporte na escola: conhecer, experimentar e transformar. **Em Aberto**. Brasília, DF, v. 26, n. 89, p. 119-129, jan./jun. 2013.
- GÓMEZ, Angel Pérez. As funções sociais da escola: da reprodução à reconstrução crítica do conhecimento e da experiência. In: GÓMEZ, Angel Pérez.; SACRISTAN, J. Gimeno. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 1998.
- HILDEBRANDT, Reiner; LAGING, Ralf. **Concepções abertas no ensino da educação física**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1986.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. 6. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2004.

_____. O esporte enquanto fator determinante. **Contexto & Educação**. Ijuí, RS, v. 4, n. 15, p. 63-73, jul/set, 1989.

MAHEU, Rene. Esporte e educação. **Em Aberto**. Brasília, DF, v. 1, n. 5, abril, 1982.

PARLEBAS, Pierre. O significado do esporte na sociedade contemporânea. Congresso Latino Americano de Esporte para todos: O esporte na vida da cidade. **Anais do Congresso Internacional do Esporte para todos**, 1996.

SEURIN, Pierre. Educação física e desporto: cooperação ou conflito. **Em Aberto**. Brasília, DF, v. 1, n. 5, abril, 1982.

TAFFAREL, Celi Nulza Zulke. Desporto educacional: realidade e possibilidades das políticas governamentais e das práticas pedagógicas nas escolas públicas. In: STTIGGER, Marco Paulo; LOVISOLÓ, Hugo (Orgs.). **Esporte de rendimento e esporte na escola**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.